

REDE ATADA, BARCO BALANÇA..., NO IR E VIR DAS ONDAS, AS TRAVESSIAS POÉTICAS PELO MARAJÓ

Josebel Akel Fares¹

RESUMO: Este relato é baseado em viagens ocorridas no início do século XXI e faz parte do projeto *Cartografias marajoaras* (1999-2003), que busca constituir desenhos da cultura marajoara, especialmente, a partir de vozes orais com vista a configurar mapas tecidos em periferias ribeirinhas. As narrativas de viagem trazem traços etnográficos e representam passagens, convívios, quedas, asseguradas em construções imaginárias de uma viajante em busca das oralidades poéticas, tão importantes na região. Não há citações teóricas, para fundamentar os trajetos, a construção dá-se na tentativa de apreensão de um mundo sensível, que constitui os narradores e a ouvinte. O texto está dividido em três partes: do desejo de dizer, apresenta o trabalho em panorâmica e diz do porquê da escritura; no guichê das passagens, assegura-se alguns caminhos seguidos e esclarece-se as tramas; com redes atadas, o barco balança e traz o movimento, os percursos, o âmago da viagem.

Palavras-chave: Viagem. Poéticas. Oralidade. Imaginário. Marajó.

ABSTRACT: This report is based on travels that took place at the beginning of 21st century, and it is part of the project *Cartografias marajoaras* (1999-2003), which aims at constituting drawings of the *Marajoara* culture, specially, from oral voices with a view to configuring maps in riverine outskirts. The travel narratives bring ethnographic traces and represent passages, conviviality, falls, all assured in imaginary constructions of a traveler in search of the poetic oralities, so important in the region. There are no theoretical references to base the paths, the construction takes place in the attempt to apprehend a sensitive world, which constitutes the narrators and the listener. The text is divided into three parts: of the desire to say, it presents the work in a panoramic way and explains the reason of the writing; in the ticket office, it is assured some paths followed and the plots are clarified; with hammocks tied up, the boat swings bringing the movement, the routes, the heart of the travel.

Keywords: Travel. Poetic. Orality. Imaginary. Marajó.

1 Dos desejos de dizer

Quando li a chamada para este número da revista Boitatá, ericei-me. Faz tempo que desejo apresentar os relatos de viagem organizados quando desenvolvi a pesquisa de campo do projeto *Cartografias marajoaras: cultura oralidade, comunicação*², guiada pelas poéticas orais, recolhidas em quatros municípios – Cachoeira do Arari, Soure, Breves, Melgaço – dois da região dos campos e dois dos furos e ilhas

¹ Doutora em Comunicação e Semiótica: Intersemiose na Literatura e nas Artes (PUCSP, 2003); mestra em Letras: Teoria Literária (UFPA, 1997); estágio Pós-Doutoral em Educação (PUCRS, 2012); Licenciada em Letras (UFPA). É Professora titular em Literatura da Universidade do Estado do Pará, do Curso de Licenciatura em Letras e do Programa de Pós-Graduação em Educação. E-mail: belfares@uol.com.br

² Tese defendida na PUC/SP, em 2003, sob orientação de Jerusa Pires Ferreira, uma das fundadoras do nosso Grupo de Trabalho de Literatura Oral e Popular da Associação Nacional de Pesquisa e Pós Graduação em Letras e Linguística (ANPOLL).

marajoaras. A maioria dos narradores ouvidos tinha à época início do XXI mais de cinquenta anos, daí que o antigamente da memória recontada reporta-se, aproximadamente, a segunda metade do século XX. O trabalho começa com uma visão larga das paisagens amazônicas, das águas e dos campos, espaços por onde viajei, estuda relatos de viagens realizadas por estrangeiros, no rio Amazonas, séculos XVIII e XIX³ e também escreve crônicas das pesquisas em busca do poético, no XXI⁴. Depois, o rio estreita-se e as cartografias poéticas alargam-se, sublinho as vozes de Cachoeira do Arari, apresento os intérpretes; mapeio os elementos da cultura, indicadas nas falas: os emblemas e os ícones, traços como da cerâmica marajoara, da cidade, dos costumes; as mitopoéticas, analiso o tempo mítico, o espaço das encantarias e as metamorfoses.

Das viagens aos quatro municípios marajoaras em busca do poético, trago em crônicas os encontros com os moradores, os semblantes das cidades, as experiências de convivência, o aprendizado humanístico e um pouco da realidade amazônica, situada nas zonas ribeirinhas. O texto emerge, primordialmente, de dentro do território, no século XXI. Organizo as passagens, marco o tempo pelos períodos de cheias e secas, e o espaço pelas microrregiões, descrevo e narro os caminhos, pontuo travessias no interior da ilha, nos dois anos de andanças. As viagens aos campos acontecem a partir da sede do município de Cachoeira do Arari, tempo de cheia, e encerram-se dois anos depois na mesma época e no mesmo espaço. Neste intervalo, acontecem viagens no interior da região dos campos, Soure e Retiro Grande, e na região dos furos Breves e Melgaço. Mapeio percursos, portos, embarcações, localidades, registro datas, encontros, entrevistados, primeiras impressões sobre as cidades.

Registro 40 horas de gravação em cassete, 2.405 KB em texto transcrito, de vozes de meia centena de intérpretes ouvidos individualmente e outras tantas em audições coletivas, em rodas de histórias. Muitas outras pessoas, a maioria mulheres – especialmente, professores e estudantes – participam diretamente da investigação, ou colaboram como adjuvantes, nas coxias e nos bastidores. São as pessoas que me hospedam, que me indicam os contadores, as referências na comunidade e acompanham-me nos trajetos. Necessário era despir-me e ouvir, acercar-me das culturas pelas vozes narradoras e pela paisagem dadas aos olhos.

³ Charles La Condamine, de Johann Baptist von Spix e Carl Friedrich Phillipp von Martius, Alfred Russel Wallace, Henry Walter Bates, Luiz Agassiz e Elizabeth Cary Agassiz Sobre estes relatos, publiquei alguns artigos, todos em livros, não disponibilizados na web.

Os percursos de viagem apresentados são concebidos através de trechos de entrevistas, anotações do caderno de campo, fichamentos e outros textos necessários à compreensão do discurso; traz a voz em repouso, quando necessário, e voz em performance, sempre. O texto organiza-se pela cronologia das viagens e das cidades percorridas. Selecionei para contar as viagens realizadas nos campos marajoaras.

Narradores, repertórios e redes temáticas..., as matérias das cartografias marajoaras avolumaram-se e requereram estudos que implicassem na compreensão de saberes fora dos espaços canônicos e mapas que se permitissem desenhos de cenários dos esburacados, estabelecidos nas margens. Para este artigo, revisei textos e selecionei uma parte do projeto referente às viagens a região dos campos marajoaras, local onde a pesquisa se desenvolve, apesar de ter andado por cidades da região dos furos e ilhas e outras cidades dos campos. Pretendi que as vozes dos intérpretes não fossem meras exemplificações, mas o fundamento, os saberes que conduzem a escritura, daí, além dos meus próprios textos, poucos são os teóricos referenciados.

2 No guichê das passagens

Iço velas, revejo textos, diários de campos, volto às narrativas de viagens, minhas e de outros, tema que gosto de ler e escrever. Leio relatos viajantes como se lesse romances e acho que eles o são. Em cada texto há construções de mundos subjetivos, imaginários, poéticos e a possibilidade de conhecer outros tempos e outros espaços. No início do século, ouvi naturalistas estrangeiros que passaram pelo Marajó, em expedições de intensão científica, no entanto mesmo se considerando o momento do “racionalismo das luzes”, de negação do saber empírico, que é tratado pejorativamente, eles constroem um mundo em que a ciência não tem domínio:

Daí, os relatos dos viajantes, além de privilegiarem os aspectos naturais pertinentes às pesquisas, descrevem – quase sempre com preconceitos e surpresas – a cultura: a literatura, a dança, o canto, a pintura corporal indígena, enfim, a arte, o cotidiano nativo. Neste contexto, o sobrenatural explica e cria concepções de mundo e remete o leitor a uma viagem espaço-temporal, ainda hoje, narrada com a presença do maravilhoso. A América é fundada através de imagens exóticas, que inclui promessas de encontro do paraíso terrestre, do Eldorado e do reino misterioso das Amazonas, compostos por tesouros e por fábulas. (FARES, 2003, p.73)

Ponho-me a escutar Carlos Drummond de Andrade, na crônica “A moça contou”⁵, o relato de uma viagem nunca realizada fisicamente, mas construída pelas frestas do olhar do outro, que lhe enviava cartas e contava-lhe histórias sobre o Marajó:

O Marajó é uma coisa fantástica, só você vendo... E depois de ver, é capaz de não acreditar. Você vê, sente, vive o Marajó, contar é difícil. Adianta? Então você vai comigo a Salvaterra, coisinha de nada, mas tão verde que é um anúncio de primavera. Perto a gente dá uma olhada em Condeixa, nome que dá vontade de comer. É ameixa, fruta-de-conde, sei lá o que as palavras oferecem aos nossos sentidos. Joanes, tão portugueses-antigamente, você gosta? Pois olhe, tem nada de clássico-frei-luís-de-sousa, eu estudei na Faculdade, é (ou deve ser) corruptela de juionas, uma nação de índios deste Pará velho-de-guerra. Joanes faz parte de Salvaterra, você repare nas ruínas de lá, é de uma melancolia, um recuar no tempo. Agora, a 15 minutos de lancha de Salvaterra, dê uma olhada em Soure, isto sim, nominho portuga até dizer chega, pois você não vê que vem de saurium, e remonta à ocupação romana em terras lusíadas?...

Ah, essa minha erudição. Desculpe. Você está no Marajó, não viaja de carro, carece viajar de avião para curtir essa renda colossal de rios separando as terras. Êta arquipélago danado, deslumbrando, perturbando a vista miudinha da gente! Mas de barco é que você deslumbra mesmo, não tem conversa. Apeando do navio no lusco-fusco, foi o que me aconteceu uma vez — conheci na travessia um senhor fazendeiro, ele me convidou para conhecer a fazenda, fui. É bom viajar meio sem programa, topando o que vale ser topado, entende? Na luz fraca do amanhecer, a casa grande, de madeira, sobre estacas, parecia suspensa no ar, o terraço voltado para as terras. Fazenda marajoara, nem-te-conto... O infinito. O verde. Os bichos selvagens. Lá você encontra os restos de ferramentas, restos de cerâmica, a vida antiga do índio que fala à alma da gente e atiça curiosidade de saber mais, mais. Garças e guarás vermelhos pousando nas lagoas. Jacaré de montão. Tudo. O mundo tá acabando de nascer numa inocência de gênese. Ô vida arco-irisada! Reunião tão grande e variada de cores e tons que você fica bobo, sem saber se olha ou se bebe a paisagem. Passeie de canoa, você tem de passear adoidado de canoa pelos igarapés que não acabam nunca. Pelos furos. A companhia de você é aquela espécie de arbusto pousado à beira d'água, durante todo o percurso: aves

⁵ A correspondente de Drummond no Pará é Livia Barbosa, professora do Centro de Letras da UFFA. Por minha solicitação, a Livia enviou-me a cópia da crônica e as dedicatórias de Drummond, explicando: “Recebi a xerox do JB, quando eu estava em Salvaterra passando férias. Junto, um cartão curto, manuscrito: Livia, achei tão linda, mas tão linda a sua carta que não resisti: roubei-a para fazer uma crônica. Você me perdoa?”.

brancas, róseas, vermelhas, que não se assustam com o barulho doce dos remos ou o ronronar do motor da lancha. Ali estão, ali quedam. Flaminguinho tem lá medo dessas coisas?

Cuidado? Sim, o cuidado para você não se perder nos labirintos dos igarapés fica por conta do caboclo da região que conduz a canoa. Pode confiar. No fim do passeio você está em casa comendo queijo fresco de leite de búfalo, brincando com o veadinho domesticado, uma graça, e pensando: Êta Brasil maior até que o Brasil!

Mas tem também o leite do amapá; remédio forte para asma e bronquite, além de cicatrizar ferida; a salva-do-marajó, ervas e sementes que compõem uma bruxaria saudável contra todos os males. O melhor doutor é a natureza, médico nenhum pode com essas plantinhas que não estudaram, mas sabem curar as mazelas do corpo... Então, tranquilo, porque se viver macaco a terra dá um jeito, você pode papear preguiçoso com siá Dulcinéia e seu João Japão, por exemplo. Debaixo da mangueira. Eles sabem das coisas. No fim da praia, lá está siá Maria das Cabras, matriarca valente, velhinha, comandando a família com amor e humanidade. Puxe conversa com ela. Pare diante da casinha lilás à beira da praia que tem uma tabuleta: “Joga-se xadrez”. Se não souber jogar, não entre. Lá dentro tem um velho americano cercado de livros, discos, uma flauta e um tabuleiro de xadrez. Era músico de uma sinfônica na terra dele, foi para a guerra, voltou meio lelé, arrumou a trouxa, veio arrancar aqui. O Marajó tem tudo.

Salvaterra, salvação de muita gente das sete partidas do mundo. (São sete?). Tem aí uns estrangeiros que não querem sair de jeito nenhum deste fim-de-Brasil feito de água e de verde pulsante. Durante as férias, gente do país e do exterior se reúne lá para a volta à vida simples. Tiram a pele da cidade, entende? e se anonimizam numa espécie de fusão panteísta. O corpo reage por si, independente de você. A visão dilata-se, as cores avivam-se, os sentidos apuram-se, e você, libertado de você, sente-se aware, penetrando as coisas e penetrado por elas... Difícil explicar isso. Por mais coisas desimportantes que você fale, mais verdades essenciais dirá. Por mais que silêncio que haja, mais será compreendido.

E nada de turismo, ouviu? Essa idéia some no ar. Salvaterra é um segredo, um presente fechado, porta-jóias, senha maçônica. É preciso respeitar Salvaterra. É preciso amar Salvaterra. Ah, você não calcula... Assim falou a moça, apaixonada do Marajó. Livia de nome, e está feita a crônica.

As imagens poéticas da crônica de Drummond introduzem minhas viagens encantadas. O outro, o estranho que viaja pelo Marajó, agora, sou eu. As viagens intercalam-se no período de fevereiro de 2000 a janeiro de 2002, tempo em que convivo

com pessoas de cidades maiores, de vilarejos e de pequenos lugares ribeirinhos. Pesquiso em dois municípios de cada *lado* do Marajó, como se costuma dizer: Soure e Cachoeira do Arari, no Marajó dos campos e Breves e Melgaço, no Marajó das ilhas e furos. Atravesso a famosa baía do Marajó, dezena de vezes, em navios grandes, onde temos a possibilidade de viajar em camarotes, e barcos menores. Opto pela rede não apenas por ser menos dispendioso financeiramente, todavia também por me proporcionar maior convívio com outros viajantes. Em cerca de cinco horas, alcançávamos o destino. Hoje, é possível viajar também de lanchas que são bem mais rápidas, a metade do tempo.

O Marajó não é uma paisagem, mas muitas paisagens, não é uma ilha, mas um arquipélago, não é uma civilização, mas civilizações sobrepostas. Viajar pelo Marajó é deparar-se com informações de todas as ordens: com os elementos naturais, com as intervenções do homem, com as misturas interacionais. Porto alguns desses dados, apreendidos no diálogo permanente com os romances de Dalcídio Jurandir⁶, da (re)leitura de outros livros sobre a região e das reminiscências de viajante-turista e, com esse conhecimento preliminar, inicio o roteiro de viagem por esta vastidão do território amazônico.

As diferenças entre as experiências apreendidas por meio de leituras ou de viagens de lazer e o mundo com que passo a conviver são evidentes e enormes. Entretanto, reencontro com muitas personagens da ficção e deparo-me com paisagens da reminiscência. A mudança no espaço rural, no interior da Amazônia, processa-se de forma muito lenta. Nele, ainda é possível encontrar imagens do passado remoto, mesmo com a inserção das parabólicas e das antenas de celulares, em alguns cantos dos campos marajoaras, em contraste com os cata-ventos rudimentares.

As travessias fluviais obrigatórias, as estradas de terra (pó ou lama) e a inacessibilidade aos transportes aéreos firmam o temor e o desafio a enfrentar. Para

⁶ Dalcídio Jurandir (Vila de Ponta de Pedras/Marajó – 1909/ Rio de Janeiro 1979), considerado pela crítica o maior romancista da Amazônia, escreveu 11 romances, a maioria com edições esgotadas, dentre eles dez fazem parte do Ciclo do Extremo Norte, nomenclatura dada pelo próprio autor e um do Ciclo Extremo Sul. 1. Ciclo do Extremo Norte é composto pelos romances *Chove nos campos de Cachoeira* (Rio de Janeiro: Vecchi, 1941), *Marajó* (Rio de Janeiro: José Olympio, 1947), *Três casas e um rio* (São Paulo: Martins, 1958), *Belém do Grão Pará* (São Paulo: Martins, 1960), *Passagem dos Inocentes* (São Paulo: Martins, 1963), *Primeira Manhã* (São Paulo: Martins, 1968), *Ponte do Galo* (São Paulo: Martins, 1971), *Os Habitantes* (Rio de Janeiro: Artenova, 1976), *Chão dos Lobos* (Rio de Janeiro: Record, 1976), *Ribanceira* (Rio de Janeiro: Record, 1978). Ciclo do Extremo Sul apenas *Linha do Parque* (Rio de Janeiro: Vitória, 1959).

cumprir o percurso, a sabedoria aconselha apurar o olhar. O outro ajudará no processo de construção da epopeia e a posição diante deste interlocutor é dialógica sempre, e, muitas e muitas vezes, de aprendiz. O viajante nunca alcançará todas as sutilezas das diferentes formas de expressão do marajoara, ou de qualquer outro homem, o mundo é imensamente maior que os nossos olhos.

Assim, é indispensável depor *as armas instituídas* e abrir-se para a construção de novos roteiros e novas formas de caminhar. E, ao encontrar o inusitado, precisamos ter disponibilidade para mudar rumos e tempos programados. Em síntese, compreender que o alvo para onde a mira aponta não é a única forma de ver, e que o olhar periférico, desfocado, comunica significados relevantes, configura o homem com menos disfarces, e com menos poses (como todo pesquisador, sei que a câmera e o gravador favorecem o gesto rígido, posado).

3 Rede atada, o barco balança...

A nossa região tem muita água, Marajó é água. Então, o que que isso significa? Significa que o meio de transporte é o barco. Então, é muito comum qualquer pessoa ter um barco. Nas grandes cidades, nos lugares de rodovias, uma pessoa, para trabalhar, tem que ter um caminhão no mínimo, para conseguir o dinheiro dele.[...]. Têm uns, às vezes, já só têm a bicicletazinha pra andar, outros têm o carro. Assim é aqui quem tem um pouco mais de dinheiro faz um barco desses grandes, quem não tem, conserta um deste tipo, uma canoa. (Edmilson Correa)⁷

As viagens regulares Belém e Marajó são sempre por via fluvial. Além da possibilidade da viagem direta para alguns municípios, com saída de pequenos portos e em barcos menores, no verão, existem outras possibilidades. Para a região do Arari, a entrada é o Porto Camará, em Salvaterra, que se acessa em navios maiores ou em lanchas originárias do cais do Porto de Belém, Galpão 9/10 ou em balsas do Porto de Icoaraci, distrito de Belém, situado há cerca de 30 km do centro da capital. No Camará, havia um sistema particular de transportes, carros tipo *vans* ou *kombis*, que, apesar de serem meios de transportes de preço mais alto, proporcionam uma viagem mais confortável. Este tipo de serviço é agendado diretamente com os proprietários dos transportes, quando se tem acesso, e nas companhias de turismo. Há também a possibilidade de conexão com o ônibus de linha regular, para as sedes dos municípios de Soure e Salvaterra. Portanto, do Porto Camará até as duas cidades, não há muitas

⁷ Entrevista realizada em 24/03/2001, Edmilson na época com 54 anos, trabalhava num estaleiro em Breves.

complicações, as dificuldades acontecem quando a proposta é circular em transportes intermunicipais, pois as possibilidades reduzem-se. Nos dias atuais, como já citei, há lanchas que aportam diretamente nas duas cidades, ainda que as outras formas de viagem ainda existam.

3.1 Cachoeira do Arari⁸. Tempo de cheia, fevereiro 2000

Porto Vasconcelos – Cidade Velha/Belém. Na sexta à noite saem as embarcações de Belém, com destino a Santa Cruz do Arari e escala em Cachoeira do Arari. Os barcos que viajam pela região são comumente chamados de *gaiolas*⁹. Embarcações de médio porte, com capacidade entre cem a duzentos passageiros. Normalmente, parentes ou pessoas conhecidas dos donos da embarcação viajam no único camarote, as demais acomodam-se em suas redes, armadas no interior dos barcos. As bagagens são deixadas embaixo ou próximo dos viajantes ali instalados. Em geral, leva-se corda ou correntes próprias para armar as redes, ação que facilita a acomodação dos passageiros, pois nem sempre há armadores disponíveis. As pessoas, que querem desfrutar dos melhores lugares dos barcos, chegam muito mais cedo. As redes de cores e traços diferentes, armadas em ângulos diversos, formam desenhos de geometrias inusitadas.



Fonte: foto do arquivo da autora.

Os barcos Aurélio e a Nossa Senhora da Conceição, e lancha Aruã têm o mesmo destino. No primeiro, não encontro mais vagas para atar a rede. Entro, então, no outro,

⁸ Extensão territorial: 3.116,0 km/População: 15. 783 habitantes, sendo 5.832 na zona urbana e 9.951 na rural. De acordo com censo do IBGE 2000, a população tem 1.410 menos habitantes que em 96.

⁹ Já as embarcações de pequeno porte são também conhecidas como *popopôs*. Para algumas regiões do Marajó, como Cachoeira, só se viaja – diretamente, ou em tempo de cheia – neste tipo barco.

armo a rede, arrumo a bagagem, instalo-me – minha entrada chama a atenção – sou estranha na comunidade viajante. Rondo o barco, procuro um café. No fundo, ao lado da cozinha, arroz, feijão e macarrão é a janta de alguns tripulantes. A maioria dos passageiros já está acomodada, o barco sai. Um marujo oferece café, aceito e agradeço (hum... como está doce!).

Na primeira hora da viagem, irrompe a maresia provocada pela proximidade da baía do Marajó, o barco joga, as redes balançam e alguém comenta: “Pôxa e ainda nem chegou a baía”. Meu coração resfria, relembro outras travessias aquáticas. Uma hora depois, avivam na memória momentos já vividos, seria agora o último? Olho os salvavidas presos no teto do barco: de que eles adiantariam ante a imensidão e braveza daquelas águas? Ninguém se incomoda, nenhuma criança chora. As redes, num balanço sincronizado, avançam umas nas outras, porém como são armadas em ângulos diferentes, pouco se chocam. Sentia levemente uma tocar meus pés, outra me bater infernalmente. Esta, certamente, também foi armada por um viajante amador naquele tipo de embarcação. Agora, sentada, tento o equilíbrio: seguro-me numa rede desocupada, acima da minha. Entre pensamentos funestos, ave-marias, pais-nossos, pedidos de socorro a Nossa Senhora da Conceição e tentativas vãs de acomodar-me melhor, transcorreu-se uma longa hora na baía do Marajó, por onde ninguém passa impune. As três horas seguintes, já no rio Arari, o trecho calmo embala a rede e acalenta o sono, alguns jogam dominó na proa da embarcação.

Eram três da madrugada quando chegamos a Cachoeira do Arari. Poucas pessoas desembarcam nesta escala, a maioria ainda dormirá nas águas calmas do rio, por mais algumas horas. Placas de “Boas-vindas” e o convite “Visite o Museu do Marajó” recebem os viajantes. O trapiche conduz à rua, ainda úmida das chuvas, da Pousada Marajó. É hora de ralentar os compassos do coração, acalmar-se.



Fonte: foto do arquivo da autora.

Imaginariamente, traço trajetos e retratos de Cachoeira do Arari, enquanto arrumo os instrumentos de trabalho e preparo-me para iniciar a pesquisa de campo. Concebo simulacros da cidade, choro a morte de Eutanásio, folheio os catálogos do major Alberto, embriago-me com dona Amélia, e viajo nos olhos do caroço de tucumã de Alfredo. Recrio imagens, revejo a Cachoeira, construída pelos romances de Dalcídio Jurandir, minha referência mais forte sobre cidade, até então desconhecida.

As primeiras impressões do município de Cachoeira concebem-se na estação da lama, que impede o transeunte de andar livremente, pois não existem ruas asfaltadas. A via principal, na frente da cidade, calça-se em alvenaria, e as demais se revestem de estreitos calçamentos, localizados na frente e nas laterais das moradias – importantíssimas para a circulação dos pedestres, especialmente no período do inverno. Pouco se circula de bicicleta, moto, carro, carroças ou cavalos, como em outras cidades pequenas, os trajetos são feitos a pé. Atolo-me, contudo insisto em conhecer a biblioteca pública, clubes, feira, mercado.

Na biblioteca municipal, recolho alguns dados sobre Cachoeira, anoto a mão, pois ali não encontro copiadoras ou outro recurso tecnológico para facilitar o trabalho. Situação que certamente hoje já foi superada. Impressiona-me, sempre, o acervo bibliográfico de qualidade excelente, entretanto sem muita utilidade, pois o município não disponibiliza local para consulta e nem para acondicionar os livros devidamente. As prateleiras das estantes de compensado vergam, as das estantes de madeira o cupim invade, e as das estantes de ferro enferrujam. Os livros fecham suas portas, o Estado é indiferente à questão. A auxiliar de biblioteca lamenta e conformada espera soluções externas.

Retenho-me n'O Museu do Marajó, referência básica, entrevisto Giovanni Gallo¹⁰. Na Pousada, converso com dona Tomásia e dona Virgínia, nas difíceis andanças de território em lama, paro na residência de Manuel Nascimento, um senhor com 100 anos, que chora ao reviver a cidade de antigamente. Anoto informações, cartografo repertórios: imagens da cidade antiga, brincadeiras e mitos. Viajo para a fazenda Arari, para perscrutar uma das histórias mais recorrentes na cidade: a da Santinha do rio Arari.

¹⁰ Entrevista publicada em O Museu do Marajó: viagem, acervo, entrevista com Giovanni Gallo. *Revista Cocar* (UEPA)., v.1, p.69 - 91, 2007. Disponível em: <<https://paginas.uepa.br/seer/index.php/cocar/article/view/144>>.

É a rabeta, um tipo de canoa a motor, Capricho II, que navega nas águas do Arari e conduz-nos à fazenda de nome homônimo, para o encontro com a Santa, a Nossa Senhora das Mercês. No caminho, outras fazendas aparecem, ora à margem esquerda, ora à direita do rio: São Vicente, Curral do Meio, São José, Santa Ângela, Curralinho, Divina, Paraíso, Ibacobi, Tucunaré, Santa Tereza, São João, Casinha, São Joaquim, Santa Maria, talvez uma herança portuguesa de nomear os lugares com o santo do dia ou de devoção. Enormes extensões de terra, umas bem cuidadas, outras parecem abandonadas. Passa do meio-dia, quando avistamos a fazenda Arari e a capela da Santa. Três horas navegando: um longo caminho debaixo do sol forte.

Poucas pessoas estão na fazenda, é hora da lida no campo e, na Casa Grande, o silêncio e a ausência do cheiro da boia indicam a ausência dos patrões. Um cachorro me espanta com latidos estridentes. Na moradia do feitor, atrás da construção principal, a dona da casa e sua filha recebem-nos e conversam um pouco. O marido aparece para animar a prosa. Ninguém quis contar a história da Santa, juram que nunca ouviram a narrativa. A Senhora acrescenta: “se quiserem, posso contar sobre Terra Nostra ou Esplendor”. E, assim, explicou que a bateria de energia da fazenda dava-lhe a possibilidade de assistirem algumas poucas horas de televisão, diariamente, na Globo. Ela e a filha escolhiam as novelas, mas quando havia transmissão de futebol a plateia era masculina.

A capela da Santa fica de frente para o rio Arari. Adornada de plantas e flores naturais, a construção mistura madeira e enchimento e situa-se ao lado da casa principal. O espaço interno divide-se em três partes: um pátio, o salão com bancos ao meio, e o altar, separado por um madeirame entalhado. No retábulo, a imagem de Maria com o filho no braço esquerdo. O outro braço estendido sugere o gesto de acolher o devoto, mas a mão espalmada exhibe apenas dois dedos intactos: o polegar e o indicador. A devoção popular coloca no pescoço de ambos cordões e medalhas. A imagem está protegida por um vidro trincado.

Observados os detalhes e conversado com as pessoas por quase uma hora, retornamos. O estômago dói. Para comer, só um pacote de bolachas e uns bombons esquecidos no fundo da bolsa, que divido com quatro pessoas. O sol castiga, uma chuva leve respinga alívio. Já sem expectativas, o percurso torna-se mais longo.

A viagem de retorno a Belém não foi mais simples do que a de ida. Um barco vindo de Santa Cruz, com destino a capital, escalaria em Cachoeira do Arari por volta de meia noite. Espero no trapiche por mais de três horas, batendo os carapanãs do corpo

sem nenhuma notícia da embarcação. No dia seguinte, outra chance e outra expectativa: a saída de um pau de arara. No itinerário – da sede de Cachoeira ao porto Beiradão, na foz do rio Camará – o veículo trafega na lama, contudo a paisagem dos campos alagados conforta. Nos bancos da carroceria, gente de fisionomia simples, crianças inquietas, paneiros com animais domésticos, sacas de mantimentos sobem e descem no trajeto. Ao final do itinerário, a travessia do riozinho estreito, numa canoa a remo, e, depois, um ônibus conduz para o Porto Camará, de lá viajantes embarcam em uma lancha. Retorno a Belém.

3.2 Soure, Retiro Grande, Cachoeira (a sede). Setembro 2000, tempo de seca

Programo a segunda viagem para a estação seca. E, enquanto, espero as águas marajoaras baixarem, apreendo o mundo através da experiência estética. Fruo a leitura de *Três casas e um rio*, envolvo-me com as personagens de Dalcídio Jurandir, afogo-me nas cheias, que atinge até o cemitério da cidade, caixões boiam, corpos escapam pelo portão e dispersam-se nos campos. Resseco-me nos campos queimados, nos olhos do caboclo a fitar o rio morto, na miséria dos taperis, espécie de choupanas que abriga seringueiros, lavradores, ribeirinhos em trânsito. As enchentes e a seca, a fuga dos bichos à procura da salvação, o lamento do rio estão no poético. A voz mítica suplica salvação:

A cobra dormia no fundo do rio e de repente acordou, era meia noite e deu um urro: vou-me embora pras águas grandes. Então os peixes, todos os bichos, os caruanas, as almas dos afogados, os restos de trapiches, as montarias também seguiam pras águas grandes. Os restos de cemitério que tombavam nas beiradas também partiam pras águas grandes. Adeus, ó limo da cobra grande, adeus ó peixes, adeus, marés, tudo vai embora para as águas grandes. Até a lama há de partir, ao aningais, as velhas guaribas, tudo seguindo para as águas grandes. O rio se queixava, se queixava, secando sempre: não me abandones, mea mãe cobra, me amamenta nos teus peitos, vomita em meu peito teu vômito, enche os meus poços, alaga as margens, quero viver, quero as marés, mãe cobra grande. Ninguém ouvia o agonizante rio (JURANDIR, 1994, p.133-134).

*Soure*¹¹. No tempo de seca as travessias são tranquilas. A viagem acontece no Navio “Comandante Marcos”: às 7h. embarque de Belém para o Porto Camará, em Salvaterra e às 10h30, um veículo particular nos leva até Soure. Para alcançar o

¹¹ Extensão territorial: 3528,7 km/População: 19. 957 (17.302 na área urbana e 2655 na rural).

município, uma pequena travessia do rio Paracauari, que separa os dois municípios, e pode ser feita de balsa ou em pequenos barcos.

Soures – como pronunciam os nativos – é a cidade marajoara mais conhecida da ilha e tem boa infraestrutura. Juntamente com Salvaterra e Cachoeira do Arari, Soure forma uma espécie de triangulação na ponta norte-oeste da região do Arari. Calma, com ruas arborizadas de mangueiras, situadas nos canteiros centrais, das grandes avenidas. Município ribeirinho, banhado pelo rio Paracauari, configura-se por praias e por fazendas de gado, principalmente. Os búfalos transitam livremente pelas ruas, uma peculiaridade local. Soure movimenta-se como a maioria das cidades amazônicas de médio porte.

Nesta primeira viagem ao município, encontro lastros da coleta de textos orais, realizada pelo projeto *O Imaginário nas Formas Narrativas Oraís da Amazônia da Amazônia Paraense* (Ifnopap/UFGA). Dialogo com alunas do curso de Letras, responsáveis pelo referido trabalho e, numa espécie de mutirão, elas mobilizam parcerias: uma disponibiliza números do antigo Jornal Paracauari, outras trazem endereços e sugestões de nomes de pessoas para as entrevistas. Na cantina do campus, contam-me histórias de encantados, ensinam-me sobre as tradições da cidade, incluindo a vida nas fazendas. Ainda faço contatos com alunos de pedagogia e educadores do Ensino Fundamental e Médio, também interessados na troca de experiências acadêmicas. Na biblioteca do campus da UFGA/Soure, localizo trabalhos sobre mitos e narrativas.

A eleição municipal (2000) mobiliza as campanhas políticas e a cidade por onde transito de moto-táxi e a pé. Procuo pessoas, marco entrevistas, inicio o processo de intimidade com os narradores e as teias temáticas. Conheço o “preto Jovêncio”, um vaqueiro de quase cem anos, que me traz infinitas histórias de fazenda; Mestre Tomaz, que, com “a graça de Deus”, conta “lendas em versos de prosa” das cidades e do trabalho de construtor; a Rita Maria que relata a experiência trágica com o “Toco” – Mestre Tomaz e Seu Jovêncio são os narradores mais referendados na cidade. Assisto aos ensaios do “Cruzeirinho”, grupo de dança e de música regional. Recolho livros, discos, copio textos – muitas informações.

Mestre Tomaz tem 70 anos, é um viajante, um conhecedor da maioria das cidades da região do Arari, devido ao seu ofício de construtor, mestre de obras. Como poeta, sua obra literária está em quatro pequenos volumes: *Verso em Rima de Prosa* (1999?), *Marajó e suas histórias*, I (?) e II (2003), e o *Valente Vilela* (?). Os livros são

publicados em edições populares, com a ajuda do comércio e de pessoas da comunidade. Com uma tiragem de 1000 exemplares, o poeta colocava-os na bicicleta, vendia diretamente aos leitores e distribuía em alguns pontos comerciais da cidade. O Mestre apresenta-me ao espaço marajoara, concede-me algumas senhas, conta-me de experiências do passado e compara-as com o presente. Ele assegura a categoria de narrador viajante, estudado por Walter Benjamin (1993), mesmo que o mundo percorrido seja a extensão de uma região: Santa Cruz, Jenipapo, Soure, Salvaterra... As narrativas sobre as rivalidades intermunicipais e as rixas entre grupos traçam imagens do antigo e assinalam mudanças:

Eu conheço esse Marajó um bocado. Então, a gente olha de um lado de Santa Cruz, pro lado daqui, vamos dizer (...) quem está do lado de São Miguel, de lá desse outro lado de Zebolândia, Patasana, enxerga as casinhas de Santa Cruz, parece casinha de pombo, é pequenina a cidade. É que em Santa Cruz, quando é no inverno, a água cresce muito, quando dá um vento forte, banha as casas. Agora, já tem rua, que não é asfaltada, mas já é aterrada, antes era só na ponte. Agora, já fizeram lá uma igreja de alvenaria, já deve ter outras casas de alvenaria, já tava ampliando, mas é difícil chegar.

[Em] Jenipapo, a senhora faz assim pra enxergar o assoalho, [as casas] tudo alta, é por causa da cheia, é pertinho de Santa Cruz. Antes, no passado, quem ia de Santa Cruz pra lá, se ia cinco, matavam quatro e deixavam um pendurado para matar de manhã; quando ia de Jenipapo pra lá, se ia dez, matavam nove e deixavam um pra matar de manhã. [risos, muitos risos]. Mas é piada, porque existe uma rivalidade, tinha uma rivalidade, entre Santa Cruz e Jenipapo, mas agora não tem mais. É como aqui em Soures e Salvaterra, tinha uma rivalidade. No tempo assim de Círio, quando o pessoal de Soure ia pra lá, a guerra era feia.

Aqui mesmo em Soures, a turma de cima com turma de baixo, a turma do São Pedro com a turma da Macaxeira, chamava o bairro da Macaxeira, aqui no Pacoval, pra cá, pra banda daqui, e, pra lá, chamava São Pedro. Hoje não, hoje tem os bairros, tem Matinha, São Pedro, Tibirizá, tem Pacoval, Macaxeira, Bairro Novo, Tucumanduva, etc. Nessa época, não, então, uma vez foi uma guerra mesmo, a turma de cima com a turma de baixo. Olhe e não saía faca, acredita? Era só no braço, era só no braço mesmo, num tinha nem pau, era só no braço mesmo. Eu ainda era garoto nesta época, mas me lembro de tudo. Me lembro até de nome de certas pessoas lá de baixo, tinha um que chamavam Paca Morena, que era valente, Paca Morena, mas não aguentava com a turma daqui de cima, nunca, mas nunca mesmo. Olhe, tinha um aqui que chamava Pedro da Francília e tio Bena da Francília. Esses dois homens brigaram com seis homens de lá e não saíram derrotados, só dois.

Como perambulante de viagens de trabalho, profundo conhecedor das tradições e da natureza, percorre e convive com os campos marajoaras cotidianamente. Mestre Tomaz conta sobre as belezas naturais, ensina lições apreendidas na convivência com a paisagem, enumera os tipos de aves e poetiza seus voos:

O pássaro é uma coisa muito importante para nós. Olhe, se a senhora vê a riqueza que tem nesse Marajó de caça, a riqueza que tem nesse Marajó de pássaro. A gente vê quilômetros de marreca no campo, assim, a senhora

andando num animal e aquela em quantidade no campo, comendo aquele capim, próprio pra ela. Ô que beleza! E quando ela levanta o voo, ela vai levantando, parece nuvem. Agora, aqueles pássaros grandes também, o tuiuiú, quando levanta o voo, parece assim que a gente vê que vai caindo, até que ele pega distância do voo, altura, mas antes ele dá uma carreira, pra pegar distância, pra poder subir, é porque ele é um pássaro grande.

As muitas transformações espaço natural do Marajó não escapam das narrativas de Mestre Tomaz. Entretanto, o tom do narrador não é saudoso, ao contrário, o mestre regozija as mudanças, considera o que hoje é muito melhor, e cita entre os benefícios da modernização a facilidade de circular a cidade: anda-se a pé, de bicicleta, de um lado a outro, qualquer distância, antes tudo era um matagal, com “muitas feras”. Fugia-se delas!

Antes, o Marajó era castigado muito pelo mato, muito no mato mesmo. Olhe, na fazenda, Matizada, eu trabalhei quatro anos lá, quatro verão, quando dizia assim: ‘amanhã, eu vou tirar dois pra ir na Tucumã, amanheciam todo doente, todo doente, era pra num ir’ [risos]. Tinha onça, já tinha búfalo brabo, tinha cada uma serpente, cobra, sucurijus enormes e o jacaré-açu. Jacaré-açu e o poraquê. Até hoje tem, não é como antes, mas até hoje tem, principalmente da Tapera pra lá. Desmataram e foi acabando também esses bichos. Os búfalos foram aumentando, aumentando, e búfalo sabe, devora mato, devora mato. Tinha que usar a montaria, num é? Porque nesse tempo, montado pra lá era perigo, também, era um perigo, porque se num ficasse o vaqueiro, mas o animal ficava, porque, às vezes, ia montar em cima de um bichão daquele, uma cobra ou um jacaré grande. Assim, o capim do campo, quando via aquele capim meio aberto, passasse longe que ali estava a fera: jacaré-açu. Se fosse passar perto, numa distância como daqui aí pra casa, o bicho partia de lá, vaqueiro que se defendesse com o animal, pois é, porque aí nessa parte, atolava muito.

Mestre Tomaz continua a narrativa sobre a fuga dos perigos encontrados na fauna e na flora, nos alagados, nas dificuldades de transpor o íngreme espaço e os desafios dos percursos.

Tem parte que você vai, uma vez tá limpo, limpo mesmo, não tem nem capim, e tem outra vez, que você vai e está cerradaço, certo? Você pode até andar por cima do ba[l]cedo. O bacedo é um mato, um capim grosso que faz aquelas voltas assim, fica duro e a gente pode até pisar por cima, que não senta. Tem aqueles lugares mais fofos, então, o pé vai mais adiante, mas tem aqueles que não senta, a gente anda por cima daquilo, e é assim. Olhe, vamos dizer, a aninga [...], tinha pouco, o pescador levava tora de aninga pra fazer bóia, certo? Botava a isca pro jacaré ou pirarucu ou outro peixe e fazia com a aninga de bóia, aí o peixe ia comia e não perdia por causa da aninga, por mais que o peixe sentasse, mas aninga ficava boiada, certo? Aí eles vinham e deixavam aqueles toros, aí foi aumentando, dali foi nascendo mais aninga, que hoje é contaminado. Então, tem aningueiras que é em cima da água mesmo, por baixo é só um perau grande, ali se cria muita coisa ruim.

As dificuldades de convívio com os matagais, as aningueiras, os balcedos, os encontros contínuos com os jacarés, cobras e outros animais peçonhentos, alia-se a inexistência de poços artesianos, de água tratada, de água encanada. A qualidade da água consumida é ruim, traz doenças e dificulta a vida.

A água era ruim, trabalhei no Pacoval, hoje é São Domingos, e eu ainda era garotote, estava com quinze pra dezesseis anos, quando trabalhei lá. Então, eles iam buscar água pra beber, e se servisse também pra outra coisa, em dois tanques grandes, na carroça. Quando chegava lá, nesse tempo não tinha nada de máquina, era em três parselhas de boi, três parselhas de bois são seis bois: bota o primeiro na canga, o segundo pra puxar já adiante, na canga também, mas na corrente, e outro lá adiante. Então, são os três, três parselhas e de lá eles iam, chegava, até eu fui uma vez também. Olha botava pra cá, na carroça aqui e uma vara, certo com a água. A pessoa se descuidava ali, brincando, tomando banho e enchendo os tanques, aí, quando acabava de encher, quando terminava de encher, às vezes, a vara estava aqui em cima e a água lá embaixo, e às vezes, a água aqui fora e lá a água ali em cima. Então, por isso que dizem, a maré enche e vasa.

A conversa-testemunho com mestre Tomaz foi longa. Começa ao por do sol, atravessa o crepúsculo, invade a noite. Entre poemas autorais declamados deste o início do encontro e o fundo musical tocado pelos animais da casa, que se acomodam nos poleiros para dormir, encerramos os relatos da experiência. Depois, sempre o encontro na sua bicicleta pela cidade, contando prosa e desenvolvendo temas.

Jovêncio Amador era a figura de maior referência entre os vaqueiros vivos em Soure, na época. Quando o conheço, confessa-me ter cem anos e me conquista pela prosa fácil e singular. Depois de algumas dificuldades colocadas para conceder a entrevista, Jovêncio recebe-me com seu melhor traje de vaqueiro marajoara e num banco da madeira, em frente a casa dele, iniciamos nossa primeira entrevista, das muitas que ainda tivemos. As filhas Luci e Gilda participam do encontro e o socorrem quando a memória falha. O vaqueiro conta-me sobre muitos temas, como a ausência de escolas nas fazendas, a família, as pajelanças, o catolicismo – ele afirma ir diariamente à igreja da matriz. Sobre as conquistas amorosas, conta que teve cem mulheres e está tudo registrado numa parede de uma das fazendas onde trabalhou e revela que ainda têm mulheres: histórias que ele só conta na ausência das filhas. As *meninas* asseguram a saúde de ferro do pai, que já comeu até veneno de rato e nada lhe aconteceu; falam da força do pulmão, que se constatava no grito do vaqueiro, conhecido na região. Dos modos de vida do passado e do presente, conta sobre os divertimentos, a dança do lundu; sobre o cotidiano nos campos marajoaras, os desastres e as mortes, os perigos das piranhas e do jacaré-açu; sobre a subsistência promovida pela caça e pela pesca.

Explica sobre as fazendas: a divisão das terras, o trabalho, o madrugar, as ferras, a castração, o embarque e o roubo de gado, os búfalos, o encontro com encantados e assombrações. E por aí vai, cada item uma parte da longa vida de Jovêncio revela-se já na primeira entrevista. Depois, continuo o convívio e apuro a audição, escrevo artigo sobre ele e cartografia de saberes do vaqueiro¹².

Algumas vezes, diferente do Mestre Tomaz, há um tom saudosista na voz de Jovêncio quando lembra a fartura do passado, mas não um lamento, muitas vezes até brincava com a sua própria vida. O exemplo de fartura era a carne, abatiam-se reses e dividia-se entre os vaqueiros, cada um recebia cerca de um quarto do animal para sua alimentação, situação (quase?) inexistente nos dias atuais.

E naquele nosso tempo, todos os meses, o rancho nosso era dado, desde a matalotagem era dado: era carne, era farinha, era açúcar, era o café, era o sabão, era o querosene [...]. Tudo tinha sua muda de roupa, todo em janeiro, ganhava a mulher do vaqueiro, como o vaqueiro. Hoje em dia não dão nadinha... Num precisava comprar nada não. Ganhava pouco, mas tudo era barato, tudo era barato, tudo dava. A gente pegava o dinheiro aqui, lá na fazenda, a gente vinha aqui pra Soure levava cargueiro. Seis cruzeiros. Hoje em dia, não? Nós tinha a nossa matalutá de fim do mês. [...]

E acaba de lá, v'umbora, tira aquela vaca ali pra nós levar pra matar. Escolhe aí, manda a gente escolher, mandava, pois agora não mandam mais, pro almoço e pra janta, pra nós que nós não temos almoço nem janta. Nós escolhia, “Essa daqui tá boa”, “ê vaca, ê vaca, ê vaca!”, e aí ela ia “prrruuuu” pra rede... pra boia. Rodeava o gado assim, pode laçar a vaca, v'umbora laçar a vaca assim de carreira, a senhora comigo, passava a mão na corda, desmanchava a corda aqui da garupa e “Força! Força vaca!”, laçava, matava ela pra gente comer, com toda aquela gordura. A gente repartia, cada um ganhava, ½ quarto, era tudo pra serviço, era muito fartura.

Das muitas narrativas contadas em verso no livro *Verso em Rima de Prosa*, de Mestre Tomaz, a história do Vaqueiro Boaventura e o amigo Merá aparece destacada. O poema é composto de nove estrofes, transcrevo três:

Seu Felico me contou um caso

¹² Ver A épic do vaqueiro marajoara: histórias de vida de Juvêncio Amador e cartografia de saberes do Marajó, de J. A. Fares. In: *Saberes de Vaqueiros: épic, Ancestralidade, Ofício*. Fares (Org.). Belém: Educpa, 2017.

*que com ele aconteceu
ele levou gado da Matinadas
e um dos bezerros desapareceu,
falou consigo: ó meu Deus
aonde este bezerro se escondeu.*

*Ele disse **Boaventura** meu amigo
contigo eu quero falar
me ajuda a encontrar o bezerro
que uma cana eu vou te dar,
no outro dia bem cedo
o bezerro estava lá.*

*Comprou a garrafa de cana
debaixo da cuieira ele deixou
isto é pra ti meu amigo
em voz alta ele falou
ali não passou ninguém
e a garrafa da cana secou*

Das histórias de encantados, protagonizadas por vaqueiros, a do Boaventura é a favorita de Jovêncio, de quem também se diz amigo.

Quando eu andei assim pelo campo, encontrei com o meu companheiro Boaventura, Boaventura sempre me levava, acompanhava o gado com ele, a gente pegava uma ponta de gado, me levava, a gente ia tirando em que nós queria, ia deixando o resto. Ia sempre me acompanhando Boaventura, meu companheiro, e eu com ele, e eu com ele. Demos com muita jangada, com gado por aí, laçando gado brabo. Isso tudo nós fazia. Ele já morreu há muitos anos, acabou-se. E tinha o companheiro dele, o Merá, companheiro dele. O Merá era da [fazenda] São Sebastião. Eram, eram vaqueiros, e do bom.[...] É, peço proteção pros vaqueiros. Eles vêm junto, conversando junto, o cavalo dele é bem branco, o do Boaventura, tem a corda dele na garupa O Boaventura, às vez, passa lá pro lado do [lago] Guajará, no cavalo branco, pro lado Guajará, passa defronte de casa aquela argolinha branca, tec, tec, tec...[...] É, é ele quem enxerga a gente. É, ele que protege a gente. Vamo pra cá, nós vai com ele; bora pra lá, nos vai com ele. Mas quando é assim... ele se despede da gente, a gente vai embora, ele vai embora também. Boaventura... Aqui pra nós só chama Boaventura, o pessoal aí [...] chamam pra mim só Boaventura. Oh! Boaventura. Boaventura e Preto Juvêncio. Aqui só conhecem Preto Juvêncio.

Retiro Grande. Necessário seguir viagem. Parto de Soure com os ouvidos cheios de histórias, um repertório em que o vaqueiro e natureza sobrepõem-se na rede narrativa. A próxima estação é Cachoeira do Arari. De uma cidade a outra, o roteiro consiste em algumas travessias: as fluviais pelos rios Paracauari e foz do Camará; as terrestres atravessam as estradas compreendem passagens por Soure/ Salvaterra/ Condeixa/ Retiro Grande/ sede de Cachoeira.

De Soure ao centro de Salvaterra, a viagem é rápida, meia hora: atravesso o Paracauari e trafego por uma estrada asfaltada. De Salvaterra a Cachoeira, o percurso é mais complexo, devido às deficiências dos transportes coletivos e as estradas, na época, ainda serem de “chão batido”. Por volta das dez da manhã, explicam-me que há uma condução que vai diretamente para Cachoeira e outra que escala em Retiro Grande, um distrito de Cachoeira. Esta opção de transporte, conforme explico, só acontece no verão.

Percorro o primeiro trecho do itinerário muito cedo, por isso preciso esperar quase duas horas para alcançar a segunda etapa. Sento-me em um ponto central da cidade e observo o movimento. As pessoas fitam-me com olhares indagadores: sou uma estranha, estou em um entre lugar. A condução para Cachoeira do Arari para na praça. Aquele ônibus é o único do dia e fará uma parada para o almoço em Retiro Grande, indica-me o motorista. Sem alternativas, pergunto-lhe o que poderia fazer e onde poderia ficar neste intervalo de tempo. A resposta é imediata: “pode ficar na minha casa”. Agradeço e instalo-me na condução.

A situação do ônibus é precária, umas janelas não abrem, outras não fecham, a poeira da estrada está por todas as partes. Passageiros entram a cada paragem. Sem muita demora, o coletivo lota. Um vendedor de picolé alivia-nos o calor. O tempo ralenta, mas a distância não me parece longa. Mais de duas horas de percurso, creio.

Retiro Grande pertence ao município de Cachoeira do Arari. O pouso é obrigatório, não há como prosseguir. Telefone? Um único aparelho num posto, bem distante. Saneamento básico? Água encanada? Cacimbas, baldes, cordas e braços! Luz elétrica? Só das 18h às 22h. É espaço de passagem. Transitara por ali no inverno, e, de cima de um caminhão, no retorno da primeira viagem a Cachoeira: na memória a paisagem na cheia, vejo poções, lagos, encantos e encantados.

Numa pequena casa de quatro cômodos, em construção, ladeada por um grande quintal, habitam filhos, noras, genros e uma neta, do casal que me abriga. Eles me acolhem por alguns dias: “Uma filha casou mês passado, dá pra senhora dormir aqui.

Fique, fique, professora”, me convida a dona da casa. Regina é professora, enfermeira, liderança da comunidade, parenta das famílias mais antigas do lugar – Bibiano, Portal e Judá. Ela me ajuda a abrir e definir caminhos e facilita trânsitos com as pessoas. O calor da acolhida, a promessa de muitas histórias e a rememoração de cenas da primeira infância, vivida no município de Sena Madureira/ AC, fazem-me ficar mais tempo nesta estação.

Naquela mesma tarde e no dia seguinte, peregrinamos pela cidade. Regina me segura pela mão e me ajuda a olhar o imenso caminho a minha frente. Andamos, paramos, conversamos. As casas, bem distantes umas das outras, vão se aproximando. Não preciso marcar horários antecipados para as entrevistas. A disponibilidade de tempo e a boa vontade parecem compatíveis com o espaço, que a seca faz maior.

Peço entrada em várias casas. O clima da cidade é ameno e o das conversas caloroso, cada pessoa rende uma *boa palavra*, e em cada casa tomo um café novo. Entre vozes acanhadas e desembaraçadas, o tom grave domina as entrevistas, o agudo faz contrapontos e complementos. Os temas também giram em torno da cidade antiga e da moderna, da paisagem, das formas de vida, dos encantados. Os reclamos da cidadania e a esperança de melhora da vida não escapam ao fio discursivo. A diferença dos espaços reforça leitura da paisagem natural.

A paisagem dos campos é como um grande quintal sem cercas: cavalos, búfalos e outros animais domésticos andam livremente; plantas rasteiras e viçosas, árvores, muitos tucumanzeiros, compõem o clima edênico. A melodia dos mugidos, dos cacarejos e do vento nas folhagens serve de fundo às vozes nativas, e me fazem cair, como aconteceu com Alice, num mundo onde o fantástico e o mágico contêm as senhas principais de entrada.

O verde mantém o habitante na terra e atrai o interesse das pessoas que visitam o lugar. Para o poeta Alcindino Portal, a cidade é um paraíso, por isso não acompanha irmãos e filhos, que moram em centros urbanos. As planuras, o clima, a pureza dos produtos são as vantagens de morar nos campos, que são comparados com Belém e com São Paulo:

A nossa paisagem aqui é bonita, é vento correndo, esse ar maravilhoso. Em Belém, tudo cheira a óleo, a gasolina. No interior, não é mais como era antes, em termo de fartura, mas tem uma vantagem, tudo que existe no interior são coisas puras. Você toma leite, toma açaí, come galinha, o peixe e a carne, coisas puras e boas. A vantagem nossa é essa, do pouco que a gente tem é coisa boa. O nosso lugar é tudo plano, é reto. Você vê aquelas ilhas assim, porque aqui nós temos ilha mesmo, mas aquelas ilhas daí pra fora é montanha.

Lá em São Paulo, pra ir numa padaria comprar pão de manhã, você ia e quando vinha de lá, vinha escorando, porque é assim [indica um declive com gestos] dentro da cidade. E, aqui tudo é plano.

Cachoeira (sede). Esta é a última estação de uma temporada, que já passara por Soure e por Retiro Grande. A estrada de piçarra¹³, reclamada pelos narradores de Retiro, transporta-me de ônibus, num domingo cedo. A maioria dos passageiros encontrava-se numa festa, patrocinada por uma candidata à prefeitura, quando a condução dá sinal de partida, alguns ainda portam latas de cerveja nas mãos, outros apresentam às consequências da sua ingestão, falam alto e discutem com o cobrador. Entretanto, a manhã é calma, os campos estão viçosos, o vento refresca o dia.

As cidades estão poluídas por tintas, faixas e cartazes da campanha eleitoral. A pequena Cachoeira parece maior na seca. Vagueio. Entrego as fotos reveladas às personagens da viagem anterior, visito vaqueiros, procuro pescadores no bairro do Choque, observo o senhor Severino consertar a rede de pesca, converso a esmo na rua, alcanço o Museu, o Mercado, a Igreja, o Hospital. Escuto pessoas simples, que contam do tempo de lampiões de gás, quando ando nas ruas soturnas, carregadas de silhuetas noturnas, após as travessias. As casas de enchimento ou de madeira são iluminadas por lamparinas ou candeias.

Do fogo, tão importante para a definição dos estágios humanos, conforme explica Claude Lévi-Strauss, à descoberta do sal indica a saída do homem do estágio primitivo, ou natural, para o cultural, ou civilizado. A busca do tempo passado alcança a era não vivida, do índio no Marajó, em que o fogo era conseguido com processos mais primitivos e não havia sal. Esses diferentes métodos para manter a chama do fogo acesa e a ausência do sal nas comidas aparecem nas histórias contadas por Francisco Costa (2000).

Eles botavam o azeite no pote de barro e faziam o pavio com pano ou algodão. Nas ruas, os lampiões de carbureto, quando dava seis horas, o moço acendia, quando dava para dez, onze horas, terminava aquele gás, pronto, acabava. O fogão era aceso com lenha, já tinha o carvão, mas muito pouco, o pessoal castigava mais na lenha, as máquinas também funcionam à lenha, não há óleo. Mas, antigamente, nos tempos dos índios, eles pegavam uma casca de madeira, pegava um pedra, batia, tá, tá, tá, dava centelha, aí eles arrumavam um pau fofo, fazia fogo. Aquilo não apagava, era a noite inteira, queimava um, eles iam pondo outro, não tinha fósforo, não tinha querosene, não tinha nada. E não tinha sal pra eles comerem, era tudo insosso.

¹³ Usa-se o termo piçarra comumente para designar uma espécie de cascalho, derivado de uma mistura feita com pedra, areia e terra.

Escuto histórias de Dalcídio Jurandir, escritor paraense-marajoara, que viveu na cidade até a adolescência. Em Cachoeira, as pessoas conhecem o autor de nome, poucos leram sua obra, entretanto há uma construção imaginária, criada a partir da realidade literária oral, do que ouviram falar dos romances. Agendo um encontro com a cidade-Dalcídio: guardo-me para conhecer os resquícios da passagem do escritor, para ouvir o que se conta, para visitar uma das casas em que o autor viveu, para conversar com os parentes remanescentes e com os amigos de infância.

Depois deste período mais longo em campo, retorno de Cachoeira para o Camará, em uma condução particular, com lugares agendados previamente, é menos cansativo. E daí, embarco para Belém.

3.3 Cachoeira do Arari. Tempo de cheia. Janeiro de 2002

Retorno a Cachoeira do Arari, depois dois anos de muitas travessias da baía do Marajó e das andanças por Soure, Salvaterra, Breves e Melgaço, entre outras cidades, conheço melhor as singularidades de cada espaço e tenho agora a noção de deslocamento entre os lugares, movo-me com mais facilidade.

Entro na cidade pelo Porto Camará e chego à estrada de Retiro Grande por meio de atoleiros. Prefiro a lama à travessia da Baía em barcos pequenos. No trapiche de Cachoeira, algumas dessas embarcações chegam de Belém e de municípios vizinhos, alguns barcos ficam aportados no rio Arari durante os dias da festa e os viajantes ali se hospedam. A cidade recebe seus filhos que moram fora e acolhe também parentes, visitantes, sejam pesquisadores ou políticos.

Desde o início da pesquisa em Cachoeira, as pessoas com quem convivo no município cobram-me presença à festa de São Sebastião, referência básica em alguns relatos. No ano anterior, a forte temporada de chuvas e a dificuldade de transporte impediram-me de prestar a homenagem, tenho, então, a chance de remissão do pecado. Trago as armas da pesquisa – gravador, fitas, cadernetas – porém não pretendo usá-las, intento apreciar a cidade como uma cidadã comum.

A igreja matriz é de Nossa Senhora da Conceição, todavia o culto a São Sebastião é forte, ali, em outras cidades do Marajó e em muitas cidades brasileiras. O povo marajoara, da cidade de Cachoeira do Arari, explica-me que o santo padroeiro, santo da igreja católica, é tido como protetor da mata e dos animais, por isso tem a

afeição dos fazendeiros. Na umbanda, ele é Oxossi, santo da mata, que também protege as gentes marajoaras, explica Lino Ramos (2000).

O clima da festa é de confraternização. Como toda festividade religiosa, as manifestações acompanham as missas, as novenas e as procissões, sempre para “angariar fundos para as obras assistenciais da paróquia”. Assim, todos os dias, após a missa da noite, as barracas montadas no adro da igreja oferecem comidas, bebidas, cartões de rifas e de bingos para serem sorteados ou marcados na barraca do santo. As prendas variam de acordo com as posses do doador: bolo, frango, porco, boi, cavalo. Os maiores donativos vêm dos fazendeiros no período de esmolação do santo pelos campos do Marajó. Um palco mostra os talentos da cidade em praça pública, enquanto os clubes promovem festas, a maioria, a base de música ao vivo com artistas da terra ou importados de Belém, o som da moda também roda na aparelhagem mecânica. E a cidade reza e se diverte.

No dia da minha chegada, cumprimento o homenageado no ritual noturno. Enceno os gestos sagrados, enquanto acompanho a movimentação das pessoas, que entram no salão paroquial improvisado de igreja, pois ela está em obras. Atento aos padres que celebram a missa: nas estolas usadas pelos padres na celebração, há desenhos com motivos marajoaras. Diante do inusitado, corro para fotografar os religiosos e os persigo na alameda mal iluminada, para onde se encaminham após o culto. Literalmente, caio de joelhos aos pés de um deles, mas consigo a foto e não deixo de sorrir ao lembrar-me da inusitada cena.



Fonte: arquivo da autora

No período da festa, realiza-se a cavalhada ou corrida de argola¹⁴. Os cavaleiros disputam as hastes com maestria. Uma volta aos costumes medievais. A cidade toda está no campo de pouso, pega chuva e bebe. Percebo a cidade tonta de “leite-de-onça”, uma bebida feita, à base de um litro com o leite de gado magro, de égua de raça, um copo de álcool e vanilina. Os homens portam garrafas plásticas cheias do líquido. Raramente, vê-se alguém tomando outro tipo de bebida.

A chuva e a lama não impedem a realização do programado para o encerramento. O andor, enfeitado de flores vermelhas, anda pela cidade bamboleante, em procissão. Todos acompanham o santo ou esperam sua passagem, vestidos com camisetas de diferentes modelos e tecidos com o São Sebastião pintado no peito, representada em várias formas, sempre mostrando as marcas do martírio sofrido. A banda, formada de muito sopro, toca repertório religioso e leva a imagem de volta ao altar.

Os mastros levantados, no início da festa, aguardam a derrubada. Enquanto os músicos tocam o repertório religioso, um grupo de rapazes continua a demonstrar a luta marajoara nas poças de lama, outro se apresenta fantasiado de batatarana, uma planta trepadeira comum na região, as crianças, munidas de caixas de maisena ou talco, jogam o pó em quem passa e intensificam o clima escatológico. Começa a subida dos mastros, primeiro o das crianças, em seguida o das mulheres e, por fim, o dos homens adultos. Os detentores das bandeiras dos topos do mastro apadrinharão a festa do próximo ano.

Na tentativa da foto da derrubada, fui batizada com um banho de lama, para “entrar no clima”. Vocífero. Gallo ri: “agora sim, a senhora já pode se considerar um cachoeirense”. Galões de bebida acompanham os carregadores do mastro, que será entregue na residência dos próximos padrinhos. Meia noite, o estampido dos fogos acorda os vencidos pelo cansaço ou pela bebida, os efeitos plásticos no céu não são vislumbrados, a foto fica no imaginário.

A cidade acorda de ressaca, mas, para alguns, a noite não acabou. Amigos e parentes despedem-se no cais, as chuvas aumentaram e a partida só seria possível pelas águas. Ainda uma vez, a baía do Marajó apavora-me e comove-me. Olho o nome do

¹⁴ No Brasil rural, a cavalhada é um folguedo ainda muito vivo e imita costumes medievais nas vestes dos cavaleiros, nos jogos e nas representações. Nos municípios do Pará, onde já assisti ao folguedo, os cavaleiros se vestem mais parecidos com caubói americano, do que para nobres medievais. No Marajó, os concorrentes vestem-se de vaqueiros e usam as camisas com motivos marajoaras. O jogo também é conhecido como corrida de argolinha e a disputa têm torcida organizada, fogos de artifícios e morteiros.

barco: Nossa Senhora da Conceição, o mesmo que me trouxe pela primeira vez. Uma narrativa circular ou um conto de retorno?

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. O Narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Magia e técnica, arte e política**. Ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas. v. I. 6. ed. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1993.

DRUMMOND, Carlos. A moça falou. **Jornal do Brasil**, em 27 de janeiro de 1981.

FARES, Josebel Akel. A Amazônia em crônicas de viagem In: **Referências para pensar e revelar aspectos da educação na Amazônia**, Elizabeth Teixeira e Ivanilde Apoluceno de Oliveira (Orgs.). Belém: EDUEPA, 2004, v.2, p. 263-277.

_____. Viagens e cartografias em Paul Zumthor In: **Rios do norte, florestas do sul**: um percurso de cultura e biodiversidade na Amazônia paraense. Maria do Socorro Simões (Org.). Belém: EDUFPA, 2005, p. 177-195.

_____. Noções geográficas para entender a leitura dos espaços encantados. In: **Revisitando o Marajó**: um arquipélago sob a ótica da ciência, educação, cultura e biodiversidade. Maria do Socorro Simões (Org.). Belém: EDUFPA, 2006, p. 9-176.

_____. Percursos amazônicos de viajantes estrangeiros I: paisagens no relato dos Agassiz In: **Diversidade cultural**: diálogos literários. Paulo Nunes (Org.). Belém: EDUNAMA, 2008, v. 2, p. 53-68.

_____. Em busca de poéticas marajoaras: itinerários de viagens aos campos e as ilhas. In: **Da reflexão à prática científico - acadêmica**: uma experiência no arquipélago do Marajó. Maria do Socorro Simões (Org.). Belém: IFNOPAP/UFPA, 2009, p. 95-118.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Mitológicas I** - O cru e o cozido. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés, Rio de Janeiro: Cosac e Naify, 2004.

MESTRE TOMAZ (Tomaz Barbosa as Cruz). **Verso em rima de prosa**. Belém: Lufráfica, s/d.

Fontes orais:

Alcindino Portal, em 16/09/2000, residência do entrevistado. Retiro Grande/ Cachoeira do Arari/PA.

Giovanni Galo, em 27/ 02/2000, n'O Museu do Marajó, Cachoeira do Arari/PA.

Jovêncio Amador, preto Juvêncio, 13/09/2000, residência do entrevistado, Soure/PA.

José Lino dos Santos Ramos em 21/09/2000, na sala de aula da escola particular do entrevistado.

Manuel Meireles Nascimento, 27/02/2000, residência do entrevistado, Cachoeira do Arari/PA.

Tomásia Bragança, 28/02/2000, Pousada Marajoara, Cachoeira do Arari/PA.

Tomaz Barbosa da Cruz, 12/09/2000, residência do entrevistado, Soure/PA.

Virgínia Gomes Pereira, 28/02/2000, Pousada Marajoara, Cachoeira do Arari/PA.

[Recebido: 30 maio 2018 – Aceito: 17 jul. 2018]